



Natália Lampert Batista
(Organizadora)

GEOGRAFIA: DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Natália Lampert Batista

(Organizadora)

Geografia: Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia [recurso eletrônico] : desenvolvimento científico e tecnológico / Organizadora Natália Lampert Batista. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-489-4 DOI 10.22533/at.ed.894191807 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. CDD 910.03
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Geografia é uma ciência eclética e versátil. Ela permeia diferentes campos do saber e se constitui de um objeto de estudo dinâmico e híbrido: o espaço geográfico. Para entender o espaço geográfico é necessário compreender as interfaces humanas, sociais, físicas, ambientais e políticas desta área do conhecimento, bem como se dedicar ao entendimento do seu ensino em sala de aula. O objeto de análise da Geografia é fluído e dialético e, portanto, é preciso constantemente (re)pensar seus focos de investigação e difundir novos saberes sobre essa relevante área do conhecimento.

Assim, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” desponta neste cenário para contribuir, mesmo que momentaneamente, com o estado da arte da ciência geográfica, trazendo relevantes pesquisas sobre diferentes enfoques geográficos. Os primeiros capítulos do livro se vinculam, preponderantemente, com o lado humano, político e social desta ciência. Na sequência, encontram-se as temáticas mais voltadas a Geografia Física. Por fim, destacam-se os textos atrelados ao ensino de Geografia, a Educação Geográfica e a necessidade de uma educação crítica no que tange a busca por um processo de ensino-aprendizagem significativo e emancipatório.

No capítulo “Agroecologia e agricultura familiar: um caminho para o desenvolvimento rural sustentável”, Aldeane Machado Dias e Ana Carolina Silva dos Anjos discutem como a agroecologia no Brasil vem se mostrando como um caminho para transformar o rural contemporâneo. Em “Camponês e Agricultor Familiar: mesmos sujeitos?”, Rosaly Stange Azevedo e André Filipe Pereira Reid dos Santos apresentam os pontos centrais dos paradigmas sobre os quais se desenvolve o debate sobre a complexidade da questão agrária na atualidade.

Andressa Garcia Fontana, Alessandro Carvalho Miola, Ricardo Vieira da Silva e Vitor Hugo de Almeida Junior também enfocam o rural no capítulo “Análise dos condicionantes de distribuição espacial de produtores de frutas, legumes e verduras na região central do Rio Grande do Sul”, cujo objetivo foi analisar os fatores condicionantes para a distribuição de produtores de frutas, legumes e verduras a partir de uma abordagem de análise geoespacial. Já Evandro André Félix, Valéria do Ó Loiola e Célia Alves de Souza apontam que os processos de mercantilização da água se configuram por meio do estabelecimento de controle e posse dos recursos hídricos, seguido de sua valoração e comercialização por meio do capítulo “Mercantilização da água e Agronegócio, conceitos e perspectiva de inserção na bacia hidrográfica do Rio Cabaçal/MT: aspetos atuais e tendências na dinâmica socioespacial e hidrológica”.

No capítulo “O trabalho dos haitianos na agroindústria de Cascavel/PR”, Lineker Alan Gabriel Nunes e Ideni Terezinha Antonello visam investigar a inserção dos imigrantes haitianos no município de Cascavel/PR a partir da perspectiva das suas condições de trabalho. Já Adelange dos Santos Costa debate “A Reforma Trabalhista Brasileira, Neoliberalismo versus Direitos do Trabalhador”, refletindo criticamente sobre a Reforma Trabalhista Brasileira aprovada no ano de 2017.

Na sequência, Gil Carlos Silveira Porto traz “Notas sobre o planejamento urbano e regional” evidenciando algumas dimensões desse tema no Brasil. Paula Pontes Caixeta e Idelvone Mendes Ferreira, em “Complexidade entre paisagem e território no município de Catalão (GO): análise contextual”, trazem uma contextualização entre a paisagem e o território a partir da análise da legislação ambiental vigente no Plano Diretor de Catalão (GO), através de revisão teórico-conceitual. Beatriz da Silva Souza apresenta o capítulo “Perspectivas entre Geografia e Literatura: o lugar na obra ‘Casa de Pensão’ de Aluísio Azevedo” que estabelece o diálogo entre a Geografia e a Literatura com abordagens fenomenológicas e de cunho humanístico.

Sob a perspectiva da Geografia Física, Douglas Cristino Leal debate “A importância do radar meteorológico na previsão de desastres naturais”. Ademais o artigo conta com uma análise episódica que elucida uma situação de instabilidade atmosférica severa. Rubia Cristina da Silva e João Donizete Lima realizam o “Mapeamento da fragilidade ambiental na bacia hidrográfica do Rio Dourados (MG)”, destacando que a bacia possui risco forte de susceptibilidade a erosão, onde o mapeamento realizado é eficaz para a compreensão da fragilidade ambiental na medida em que considera as características topográficas e naturais como também a influência antrópica no meio ambiente. Karolina Gameiro Cota Dias e Carla Maciel Salgado apresentam “Exercícios práticos para o estudo de processos geomorfológicos” resultantes da disciplina de Geomorfologia Continental, inserida no Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O capítulo “A formação continuada do professor de Geografia versus semana pedagógica: um processo consistente?”, de Francisco das Chagas Nascimento Ferreira, teve como objetivo a realização de uma breve revisão bibliográfica acerca da formação continuada de professores, relacionada ao contexto das semanas pedagógicas, em especial, a formação do professor de Geografia do Ensino Fundamental II. José Marcelo Soares de Oliveira, Livana Sousa Guimarães, Maria Raiane de Mesquita Gomes, Ernane Cortez Lima e José Falcão Sobrinho, no capítulo “Água para quem? Entendendo a geografia política da água”, buscam abordar o tratamento que é dado às práticas de economia de água, que visam uma melhor convivência no ambiente semiárido, desenvolvendo oficinas com alunos do Ensino Médio no município de Sobral/CE. Já Edson José do Nascimento e Adriana Castreghini de Freitas Pereira debatem a relação entre o espaço vivido dos alunos com o livro didático em “O livro didático e os conteúdos sobre a cidade no 7º ano em uso nas salas de aulas no município de Ibiporã/PR”.

No capítulo “O uso de games e filmes no ensino de Geografia: um estudo de caso com alunos do 3º ano do Ensino Médio”, David Augusto Santos e Eduardo Donizeti Giroto relatam o desenvolvimento de práticas com vistas a interpretações de filmes e jogos a partir de conceitos geográficos como território, espaço, lugar, escala. Nesta mesma linha inovadora e lúdica do ensino de Geografia, Jaqueline Daniela da Rosa discute “Os multiletramentos no estudo do município em Geografia: uma

prática interdisciplinar utilizando fotografia e escrita” que resultou na elaboração de um produto pedagógico para o ensino da Geografia com crianças, voltado principalmente ao letramento visual e digital e leitura e escrita.

Iapony Rodrigues Galvão, Dênis Vitor Batista de Brito, Jéssica Adriana de Oliveira Macedo, Mônica Gabriela Dantas de Medeiros e Wesley Anderson Pereira da Silva, no capítulo “Reflexões sobre a distribuição espacial do docente de Geografia capacitado para o ensino de libras em Carnaúba dos Dantas/RN, Jardim do Seridó/RN e Caicó/RN” buscaram compreender a distribuição de docentes de Geografia que possuem capacitação para traduzir o conhecimento geográfico para alunos surdos ou deficientes auditivos. Por fim, Maria Heloiza Bezerra da Silva debate “O ensino da matemática na educação de jovens e adultos trabalhadores rurais: a (im)possível aprendizagem para uma emancipação social crítica”. Esse capítulo tem origem nas discussões sobre Educação e Trabalho e sobre Educação Crítica associadas à busca de uma aprendizagem crítica, significativa e emancipatória.

Portanto, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” apresenta diferentes perspectivas sobre o conhecimento geográfico e suas diferentes áreas de abrangência, isto é, a análise e discussão sobre o espaço geográfico, as paisagens, os lugares, as regiões e os territórios que constituem o objeto da Geografia. Essa diversidade de temáticas demonstra a versatilidade da abordagem geográfica e reúne uma série de pesquisas de qualificados profissionais da área e de ciências afins, levando-nos a (re)pensar atualidade da abordagem da Geografia na contemporaneidade.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Natália Lampert Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	
Aldeane Machado Dias Ana Carolina Silva Dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918071	
CAPÍTULO 2	8
CAMPONÊS E AGRICULTOR FAMILIAR: MESMOS SUJEITOS?	
Rosaly Stange Azevedo André Filipe Pereira Reid dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918072	
CAPÍTULO 3	22
ANÁLISE DOS CONDICIONANTES DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE PRODUTORES DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Andressa Garcia Fontana Alessandro Carvalho Miola Ricardo Vieira da Silva Vitor Hugo de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.8941918073	
CAPÍTULO 4	41
MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA E AGRONEGÓCIO, CONCEITOS E PERSPECTIVA DE INSERÇÃO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CABAÇAL/MT: ASPETOS ATUAIS E TENDÊNCIAS NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL E HIDROLÓGICA	
Evandro André Félix Valéria do Ó Loiola Célia Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918074	
CAPÍTULO 5	54
O TRABALHO DOS HAITIANOS NA AGROINDÚSTRIA DE CASCAVEL/PR	
Lineker Alan Gabriel Nunes Ideni Terezinha Antonello	
DOI 10.22533/at.ed.8941918075	
CAPÍTULO 6	65
A REFORMA TRABALHISTA BRASILEIRA, NEOLIBERALISMO X DIREITOS DO TRABALHADOR	
Adelange Dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8941918076	
CAPÍTULO 7	74
NOTAS SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Gil Carlos Silveira Porto	
DOI 10.22533/at.ed.8941918077	

CAPÍTULO 8	78
COMPLEXIDADE ENTRE PAISAGEM E TERRITÓRIO NO MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): ANÁLISE CONTEXTUAL	
Paula Pontes Caixeta Idelvone Mendes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8941918078	
CAPÍTULO 9	91
PERSPECTIVAS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA “CASA DE PENSÃO” DE ALUÍSIO AZEVEDO	
Beatriz da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918079	
CAPÍTULO 10	102
A IMPORTÂNCIA DO RADAR METEOROLÓGICO NA PREVISÃO DE DESASTRES NATURAIS	
Douglas Cristino Leal	
DOI 10.22533/at.ed.89419180710	
CAPÍTULO 11	114
MAPEAMENTO DA FRAGILIDADE AMBIENTAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.89419180711	
CAPÍTULO 12	129
EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA O ESTUDO DE PROCESSOS GEOMORFOLÓGICOS	
Karolina Gameiro Cota Dias Carla Maciel Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.89419180712	
CAPÍTULO 13	135
A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA X SEMANA PEDAGÓGICA: UM PROCESSO CONSISTENTE?	
Francisco das Chagas Nascimento Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180713	
CAPÍTULO 14	144
ÁGUA PARA QUEM? ENTENDENDO A GEOGRAFIA POLÍTICA DA ÁGUA	
José Marcelo Soares de Oliveira Livana Sousa Guimarães Maria Raiane de Mesquita Gomes Ernane Cortez Lima José Falcão Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.89419180714	

CAPÍTULO 15	154
O LIVRO DIDÁTICO E OS CONTEÚDOS SOBRE A CIDADE NO 7º ANO EM USO NAS SALAS DE AULAS NO MUNICÍPIO DE IBIPORÃ/PR	
Edson José do Nascimento Adriana Castreghini de Freitas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180715	
CAPÍTULO 16	164
O USO DE GAMES E FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	
David Augusto Santos Eduardo Donizeti Giroto	
DOI 10.22533/at.ed.89419180716	
CAPÍTULO 17	175
OS MULTILETRAMENTOS NO ESTUDO DO MUNICÍPIO EM GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO FOTOGRAFIA E ESCRITA	
Jaqueline Daniela da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.89419180717	
CAPÍTULO 18	186
REFLEXÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO DOCENTE DE GEOGRAFIA CAPACITADO PARA O ENSINO DE LIBRAS EM CÂRNAÚBA DOS DANTAS/RN, JARDIM DO SERIDÓ/RN E CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão Dênis Vitor Batista de Brito Jéssica Adriana de Oliveira Macedo Mônica Gabriela Dantas de Medeiros Wesley Anderson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180718	
CAPÍTULO 19	194
O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES RURAIS: A (IM) POSSIVEL APRENDIZAGEM PARA UMA EMANCIPAÇÃO SOCIAL CRÍTICA	
Maria Heloiza Bezerra Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180719	
CAPÍTULO 20	201
CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA CIDADE DE SENHOR DO BÔNFIGO – BA: UM OLHAR GEOGRÁFICO	
Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega Lucas dos Santos Silva Valéria Cunha Rodrigues Érica Saane Miranda Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89419180720	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA CIDADE DE SENHOR DO BONFIM – BA: UM OLHAR GEOGRÁFICO

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Colegiado de Geografia.
Senhor do Bonfim – Bahia.

Lucas dos Santos Silva

Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Colegiado de Geografia.
Senhor do Bonfim – Bahia.

Valéria Cunha Rodrigues

Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Colegiado de Geografia.
Senhor do Bonfim – Bahia.

Érica Saane Miranda Alves

Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Colegiado de Geografia.
Senhor do Bonfim – Bahia.

RESUMO: A inevitabilidade do envelhecimento humano nos dias atuais exige a construção de reflexões geográficas sobre o tema. A sociedade brasileira vislumbra, já para as próximas décadas, um envelhecimento significativo de sua população. Os dados do IBGE, do IPEA, da CLACSO, da CEPAL e da OMS indicam que o envelhecimento da população brasileira se faz de forma acelerada, o que implica a necessidade de observar a questão mais de perto. A maior parte dos estudos sobre o envelhecimento humano é estabelecida com base em dados estatísticos para revelar a

condição de vida da população envelhecida. Os aspectos qualitativos e as implicações destes na vida cotidiana das pessoas dificilmente são postos em diálogo. Este capítulo tem como objetivo entender, de forma introdutória, os aspectos da velhice na cidade de Senhor do Bonfim – BA, tendo como ferramenta a coleta de dados socioeconômicos analisados de forma qualitativa. O processo de pesquisa se fundamentou no materialismo histórico dialético. Como procedimento metodológico foi elaborado: i) revisão da literatura; ii) coleta de dados de fonte primária, com base em questionários aplicados a 63 idosos residentes na cidade; e, iii) reflexões e análises qualitativas do material coletado. Além disto, foram analisadas histórias de vida que auxiliaram a refletir sobre a forma de vida dos velhos. Percebeu-se que a velhice na cidade não é miserável, mas carece de uma rede que promova participação e justiça social, além de políticas públicas que orientem o uso do espaço público e com isso possibilitem aos sujeitos velhos o direito à cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia do Envelhecimento, Envelhecimento Humano, Dinâmica Socioeconômica.

PRELIMINARY CHARACTERIZATION ABOUT HUMAN AGING IN THE CITY OF SENHOR

ABSTRACT: The inevitability of human aging today requires the construction of geographical reflections on the subject. Brazilian society envisages, for the next decades, a significant aging of its population. Data from the IBGE, IPEA, CLACSO, ECLAC and WHO indicate that the aging of the Brazilian population is accelerated, which implies the need to observe the issue more closely. Most studies on human aging are established on the basis of statistical data to reveal the living conditions of the aging population. The qualitative aspects and their implications in people's daily life are hardly put into dialogue. This chapter aims to understand, in an introductory way, the aspects of old age in the city of Senhor do Bonfim - BA, having as a tool the collection of socioeconomic data analyzed in a qualitative way. The research process was based on dialectical historical materialism. As methodological procedure was elaborated: i) literature review; ii) collection of primary source data, based on questionnaires applied to 63 elderly residents in the city; and, iii) reflections and qualitative analyzes of the material collected. In addition, life stories were analyzed that helped to reflect on the way of life of the old. It was noticed that old age in the city is not miserable, but it lacks a network that promotes participation and social justice, as well as public policies that guide the use of public space and thereby enable the old subjects the right to the city.

KEYWORDS: Geography of Aging, Human Aging, Socioeconomic dynamics.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Breve caracterização da área da pesquisa:

A pesquisa em tela foi realizada na cidade de Senhor do Bonfim – BA (figura 1). Apesar dos números da população não indicarem um processo de envelhecimento acentuado, é inevitável pensar a condição de vida das pessoas na velhice. Nesta etapa da vida os seres humanos aglutinam um conjunto de necessidades particulares que circulam desde a dimensão biológica e se espraiam nas relações sociais e na própria estrutura do meio em que vivem, isso possibilita experiências particulares da vida em coletividade.

De acordo com os últimos dados e projeções feitas pelo IBGE (2018), o município de Senhor do Bonfim, localizado na região norte do Estado da Bahia, apresenta população de aproximadamente 79 mil habitantes com uma densidade demográfica de 89,93 hab./km². A maior parte da população reside na área urbana da cidade, o que equivale a aproximadamente 80% do total da população.

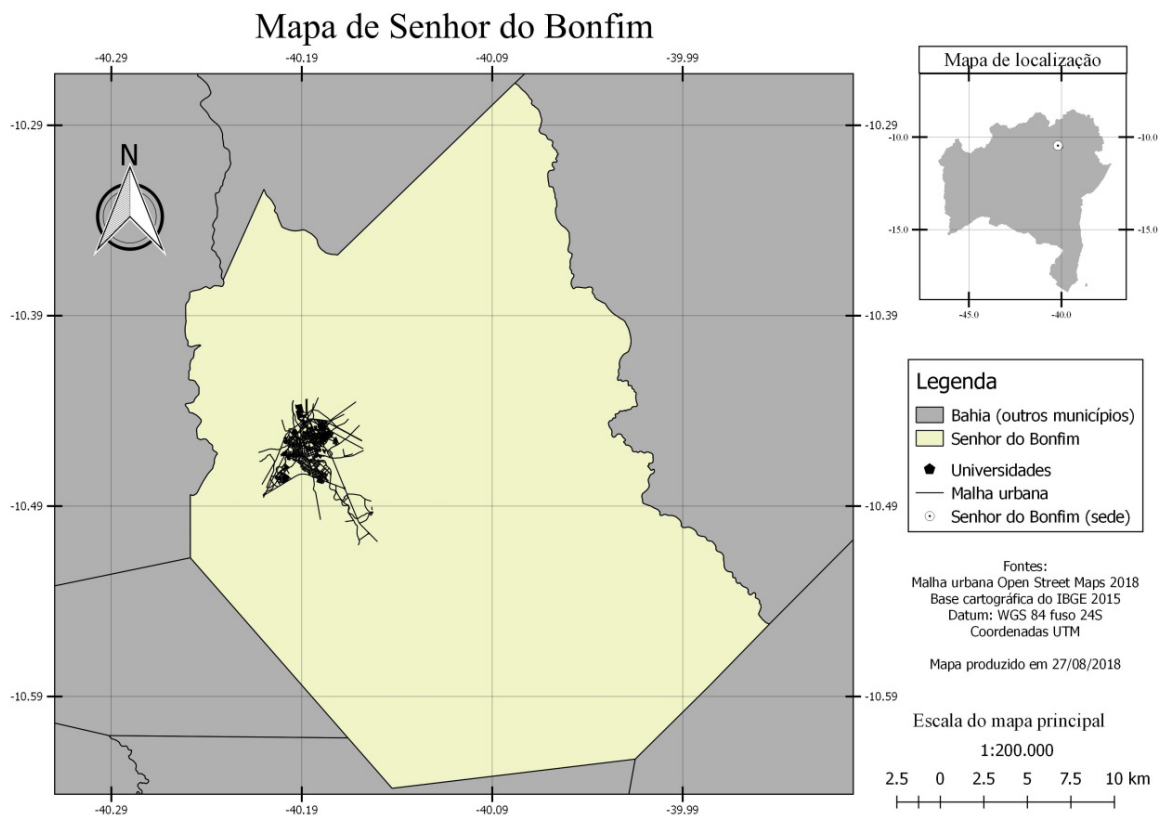


Figura 1: Mapa de localização, Senhor do Bonfim - BA.

Autor: Darlei Pereira da Silva, 2018.

1.2 Sobre a pesquisa acerca do envelhecimento

O conjunto das transformações ocorridas na vida social nas últimas décadas indica uma completa modificação na estrutura da população, alterando significativamente as pirâmides populacionais, com ênfase em países em processo de desenvolvimento. Entretanto, mais do que entender os macroprocessos que apontam para a transformação da estrutura etária da população de forma geral, faz-se necessário espacializar e caracterizar a consistência desta transformação em escalas menores, a fim de entender as implicações destas mudanças no dia-dia das pessoas. Por isso, este capítulo se debruça sobre a observação do perfil socioeconômico dos velhos localizados na cidade de Senhor do Bonfim – BA, analisando-o de forma qualitativa.

É fundamental que as pesquisas sobre o envelhecimento considerem aspectos relacionados à reprodução da vida dos velhos e do seu ambiente (espaço social) com o objetivo de compreender a lógica do processo de produção e reprodução social do espaço geográfico.

A pesquisa da qual deriva este trabalho tem como objetivo central entender, de forma introdutória, os aspectos da velhice na cidade de Senhor do Bonfim – BA, tendo como princípio a coleta de um conjunto de elementos socioeconômicos que auxiliaram a descrever as características mais gerais da condição material da velhice. Não obstante à caracterização geral da velhice em Senhor do Bonfim, a partir de algumas histórias de vida foi possível ampliar as reflexões sobre as condições da velhice para além de um quadro geral, uma vez que foram construídas análises e interpretações

das informações com base em critérios e elementos qualitativos.

Em uma perspectiva ampla, o processo de pesquisa se fundamentou no materialismo histórico dialético, como procedimento metodológico foi elaborado uma revisão da literatura, em seguida captura de informações primárias com base em questionários aplicados a 63 idosos, escolhidos aleatoriamente e dispostos a contribuir com a pesquisa, residentes da cidade. Além disto, foram analisadas histórias de vida que auxiliaram a refletir sobre a forma de vida dos velhos da cidade de Senhor do Bonfim.

2 I ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO

A vida humana é realizada em etapas que se sucedem e que são tradicionalmente divididas entre a infância, juventude, vida adulta e velhice (FERNÁNDEZ, 2007; KARPFF, 2015). Os estudos sobre as etapas de vida foram fortemente elaborados como um recurso, primeiro da medicina e depois da psicologia, para identificar o processo de formação e desenvolvimento dos indivíduos (TEIXEIRA, 2008). Desde os gregos a vida humana estava associada a uma estrutura de maturação que, tendenciosamente, classificava a etapa da velhice como o final da vida humana e o fim da contribuição social dos indivíduos (FREDMANN, 1996; MASCARO, 2004). Esta compreensão levou a formulação de que a vida na velhice se restringia ao ambiente privado, desresponsabilizando o sujeito velho de uma efetiva participação social, o que fez com que ao longo do tempo a velhice, para usar os termos apresentados por Beauvoir (1990), fosse considerada uma *exis* social, ou seja, ao sujeito que envelhece não lhe é garantido o direito de fazer parte da práxis - da prática social.

O velho – salvo exceções – não faz mais nada. Ele é definido por uma *exis*, e não por uma *praxis*. O tempo o conduz a um fim – a morte – que não é o seu fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma “espécie estranha”, na qual eles não se reconhecem” (BEAUVOIR, 1990, p. 266).

Esta condição de negação da velhice fez com que ao longo dos anos os sujeitos “envelhecetes” fossem gradativamente considerados seres “sem importância”. Como se houvesse uma ruptura entre o ser adulto produtivo e um novo velho ser dependente (BACELAR, 2002). O que culmina em uma guetificação do velho e da velhice e em um ocultamento da trajetória de vida dos seres humanos quando atingem uma coleção estatística de anos vividos, desconstruem com isso toda uma rede de sociabilidades construídas e nega-se, no limite da análise, a possibilidade de que a vida dos sujeitos velhos continue construindo geografias possíveis (uma redução da capacidade de produção e reprodução da vida social). É óbvio que este processo de guetificação da velhice é muito mais visível quando entendemos a sociabilidade do sujeito simples, ou seja, aquele indivíduo que pertence à classe trabalhadora e tem uma condição social

de pobreza.

Em uma reflexão mais profunda sobre a velhice e o processo de envelhecimento, deparamo-nos com a possibilidade de entender que não se pode falar em um único processo de envelhecimento ou de uma única e exclusiva velhice. Aparece-nos como dado de realidade que os processos são múltiplos e em alguma medida estão sendo construídos na esteira das relações postas pela sociedade do capital, assim, a própria ideia de velhice e envelhecimento, como pares de um mesmo processo, está permeada de contradições.

A questão da velhice, em meio à modernidade que vivemos, é reflexa da luta de classes que fragmenta a experiência do envelhecer e marca diferenças exorbitantes na tessitura do processo de envelhecimento humano, mudando em cada contexto geográfico, sobre os diversos contextos de realização da vida e entendendo a particularidade da condição de vida na velhice e durante o processo de envelhecer é que podemos construir a compreensão da Geografia do envelhecimento (GONZÁLEZ, 2011).

Para González (2011), os estudos geográficos sobre as condições de vida dos velhos e a relação com o meio estão centrados na análise das relações entre o espaço, que integra o ser social, e as necessidades pessoais, sociais e assistenciais dos mesmos. Trata-se de estudos do comportamento espacial, do contexto ambiental e da mobilidade dos velhos.

(...)“revisamos los estudios recientes sobre la situación de las personas ancianas y sus relaciones con el medio geográfico; Estos se centran en el análisis de las relaciones entre el espacio que integra al ser social del anciano y las necesidades personales, sociales y asistenciales de éste. Se trata de estudios del comportamiento espacial, del contexto ambiental y de movilidad de las personas ancianas” (GONZÁLEZ, 2011, p. 123).

Independente do lugar disciplinar, a velhice e o envelhecimento são temas e questões sociais, por isso têm que ser entendidos como reflexo de quem somos muito mais do que tentar teorizar sobre a velhice é preciso entender como ela foi construída por cada um e como essa construção revela marcas sociais, econômicas e geográficas.

A emergência da geografia do envelhecimento como ferramenta capaz de ler uma parcela da produção social do espaço só tem sentido se for construída como uma chave de leitura capaz de revelar processos que têm como fundamento a compreensão dos registros territoriais, dos enredos espaciais e por isso revelam uma parte substancial do processo de reprodução da vida. Entretanto, é preciso ter atenção para que não encerremos a velhice e o envelhecimento em um casulo disciplinar, não se trata de sequestrar o processo de envelhecimento para a geografia, mas sim de tentar entendê-lo como parte da totalidade do mundo, desvendando as chaves geográficas desse processo.

A história presente na trajetória de vida dos velhos é ponte fundamental para se

ascender a um conjunto extraordinário de ferramentas que possibilitam entender a vida como ela é. É preciso afastar da velhice o espectro da decrepitude; faz-se urgente empoderar o velho para que se compreenda como um ser social e como tal ajudar a entender a sociedade como totalidade. O reflexo deste processo é a construção de um ambiente de trocas que leva a emergência, de forma lúcida, da geografia do envelhecimento ou as geografias do envelhecimento.

(...) cada indivíduo pode fazer para experimentar uma “bela velhice”, como ela pode ser construída ao longo da vida ou mesmo tardiamente. [...] Apesar de ter consciência de que são inúmeros os problemas relacionados ao envelhecimento e de que existem divergências de nomeação. [...] há que se concentra esforços para] compreender se existe algum caminho para conseguir chegar à última fase da vida de uma maneira mais digna, mais plena e feliz. Meu objetivo é descobrir os passos necessários para construir a “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013, p. 32-33).

A busca pela construção de uma bela velhice só consegue ser efetivada se for entendida, depois de acumuladas experiências com o mundo, com o espaço; ou seja, depois de construídas pontes gigantescas entre o eu (indivíduo), o nós (sociedade) e o onde (espaço – lugar da realização da vida). Neste sentido, como possibilidade analítica, a trajetória do espaço e dos sujeitos que vivem no espaço é compreendida muito claramente como um processo histórico que se dá com base nas suas condições genéticas (FERREIRA, 2013), no sentido de que é experiência do homem com o seu mundo vivido que alimenta a possibilidade de que o espaço ganhe significado e importância na trajetória de vida dos sujeitos, há sempre uma relação, uma narrativa construída no processo de produção e reprodução do espaço.

3 | CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO EM SENHOR DO BONFIM

Sobre o envelhecimento humano é importante considerar a trajetória de vida das pessoas como um elemento fundamental para compreender a construção do processo geográfico, a compreensão deste elemento pode ser acompanhada de diversas formas, desde o acompanhamento dos dados quantitativos que revelam as densidades das relações estabelecidas em âmbito geral, até o entendimento das pequenas relações capazes de significar histórias de vida e problematiza-las em contextos mais amplos. Em todos os enfoques, no entanto, é primordial entender a vida humana como um conjunto de total, ou seja, como totalidade, mas que para se realizar esta totalidade estão agrupados em momentos que correspondem a um conjunto de características gerais que classificam a condição de desenvolvimento do homem, por isso os agrupamentos da vida humana em infância, juventude, vida adulta e velhice (FERNÁNDEZ, 2007; KARPF, 2015).

A realização deste trabalho possibilitou, em âmbito geral, uma aproximação entre a universidade e parcela dos sujeitos velhos da cidade de Senhor do Bonfim. Apesar

das dificuldades de reunião e das particularidades envolvendo a natureza do público, a realização das etapas deste processo de pesquisa fundamentou análises da geografia do envelhecimento, além de ter auxiliado, em uma perspectiva social, no apoio para o entendimento do lugar social e da possibilidade de superação de alguns desafios relacionados ao envelhecimento.

Como consequência do desdobramento destes encontros, diálogos e ambientes de intensa troca de experiência foi possível recuperar a memória do vínculo entre os sujeitos velhos e a cidade, principalmente na escala da vida cotidiana. Os relatos, as experiências e as trocas de narrativas possibilitaram compreender alguns elementos do processo de produção e reprodução social do espaço da cidade de Senhor do Bonfim.

As histórias de vida apresentadas foram registradas em um banco de memórias que se encontra disponível no Laboratório de Geografia Humana do Campus Senhor do Bonfim da UNIVASF, este banco de memórias foi fundamental para o aprofundamento das reflexões sobre a vida cotidiana dos velhos e a relação com a cidade de Senhor do Bonfim.

O que se pode adiantar é que a relação dos sujeitos analisados com o espaço público da cidade precisa ser mais bem trabalhada, a condição de acessibilidade reduzida dos espaços públicos, praças, parques urbanos, inibem a participação ativa dos velhos, como pode ser percebido em alguns fragmentos de depoimentos a seguir:

... “os calçamentos é meio ruim, escorrega (...) na minha rua ainda passa um pouco de asfalto, mas no outro lado não tem asfalto, aí complica”... (Depoente A).

...“com minha artrose é muito difícil sair de casa andando, as ruas são tudo esburacada, não tem sinalização, as calçadas são irregulares, não tem condição de andar direito... é um sacrifício”... (Depoente D).

...“antigamente, quando a prefeitura fazia as calçadas era melhor, agora que cada um faz a sua calçada, tá uma bagunça, tem hora que a calçada tá esburacada, tem hora que é grande demais, hora que é pequena demais”... (Depoente B)

Estes três depoimentos destacados acima reforçam a ideia da dificuldade de mobilidade e acessibilidade na cidade, quando a falta de estrutura urbana impossibilita os sujeitos de aproveitarem o espaço coletivo há uma tendência que o velho se torne um sujeito isolado e pouco participativo ao cotidiano da cidade. Ao se observar a dinâmica de Senhor do Bonfim, percebe-se nitidamente que há a predominância de crianças, jovens e adultos nos espaços de convivência da cidade, ao mesmo tempo em que a presença dos velhos quase não é registrada.

A dificuldade de acessibilidade junto a pouca ou nenhuma promoção de espaços de encontro, ainda restringe a possibilidade os velhos viverem a cidade. Além disto, as estruturas de transporte público inibem a possibilidade de circulação urbana, quer seja pela pouquíssima disponibilidade de linhas e rotas de ônibus, quer seja pela dificuldade de acesso aos veículos.

... “na cidade só tem mesmo a praça nova, esse é o único lugar que eu encontro minhas amigas”... (Depoente C)

... “a cidade deveria ter mais ônibus, seria tão bom que tivesse um ônibus que fosse da minha casa até a praça nova, seria muito rápido, né?”... (Depoente C)

...“tem vezes que a gente vai no ônibus, aqui em Bonfim, e o povo dá um jeitinho, dizem assim: senta aqui na frente que é o lugar da terceira idade”... (Depoente A)

...“A gente só tem direito de usar transporte gratuito para ir para o centro ou para a rodoviária, se eu tiver que ir para a Igara tenho que pagar, para Antônio Gonçalves tenho que pagar”... (Depoente D)

Além destes fragmentos selecionados, a análise das histórias de vida e o diálogo estabelecido faz perceber que as dificuldades cotidianas fazem com que os indivíduos pesquisados prefiram os espaços fechados, uma vez que as dificuldades de mobilidade e acessibilidade inibem o uso dos espaços públicos.

A cidade acaba sendo um conjunto de práticas que muitas vezes impossibilita e desagrega, como se de alguma forma o direito à cidade e à vida na cidade estivesse constantemente comprometida pelos constrangimentos cotidianos impostos em práticas quase despercebidas.

...“teve uma vez que eu disse para o guarda no banco, da vez passada, vocês deveriam deixar a gente ir lá para dentro, a gente tem 70, 80 anos e não tem condições de ficar nesta fila, eu vou trazer um banquinho que eu comprei em Salvador para sentar e ficar esperando a minha vez chegar”... (Depoente B)

...“Eu acho que antigamente as pessoas mais velhas eram melhor respeitadas, hoje em dia ninguém tá nem aí para nada, ninguém respeita mais ninguém, ninguém liga mais para nada”... (Depoente B)

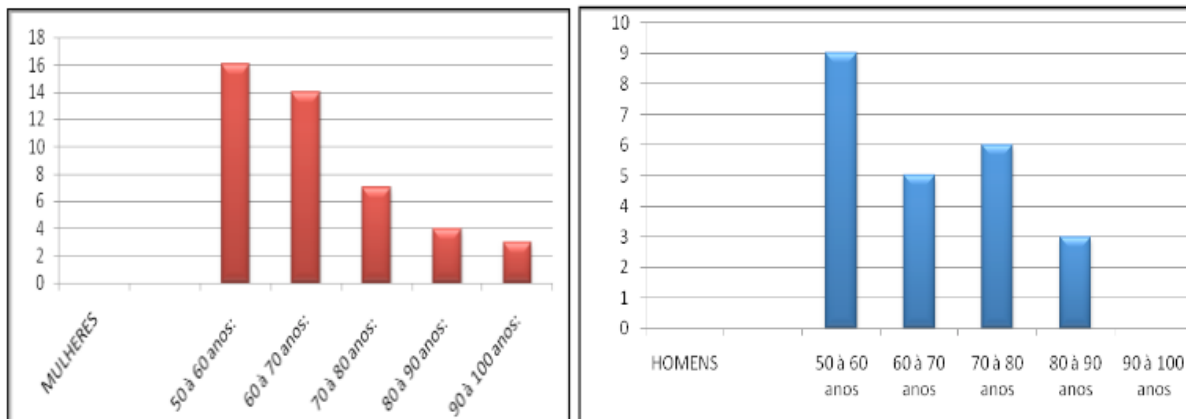
O diálogo intergeracional é baixo e há uma nítida prevalência do sexo feminino na condição de velhice, ou seja, a velhice em Senhor do Bonfim é mais feminina.

Além dos elementos de ordem qualitativa esta pesquisa também apresentou como base para a construção de interpretações mais subjetivas, um esforço por realizar um levantamento quantitativo relacionado à dinâmica socioeconômica dos sujeitos velhos da cidade.

Dentro dessa dinâmica o trabalho foi realizado com 67 pessoas, com idade igual ou acima de 60 anos, sendo 44 mulheres e 23 homens, como pode ser percebido nas figuras 2 e 3. A participação na vida social também é eminentemente feminina, com a exceção para os cargos públicos, em que a quase totalidade é masculina.

Os entrevistados são todos brasileiros, mais da metade dos velhos são do município de Senhor do Bonfim e praticamente todos são do estado da Bahia, a grande maioria sabe ler e escrever, mas poucos possuem ensino superior, pois a maioria só cursou até o ensino fundamental.

Em âmbito geral, através dos questionários, foi possível constatar que a natureza das uniões se dá majoritariamente por através de registro civil, mas há um destaque também para a presença de união consensual. Observou-se que o estado civil predominante dos entrevistados é de viúvos e casados.



Figuras 2 e 3: Distribuição de mulheres e homens por faixa de idade.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

O local de residência não é adaptado às condições da velhice, mas no geral os depoentes indicam que estão satisfeitos com a condição de moradia. Em geral o local de moradia são casas de andar térreo com cobertura de telhas, algumas casas são de alvenaria e outras são feitas de materiais semelhantes, em que a acessibilidade a estas moradias é baixa. Todas as mulheres residem em casa, porém entre os homens nem todos (Figura 4). 94% das pessoas participantes entrevistados moram em casa própria, possuem abastecimento de água, energia, saneamento básico e coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza. Além disto, foi possível aferir que 95% desses velhos não residem sozinhos, o que indica a importância da organização dos velhos em núcleos familiares. Esta constatação pode indicar novas formas de abordagem da questão do envelhecimento em Senhor do Bonfim, para outros estudos futuros.

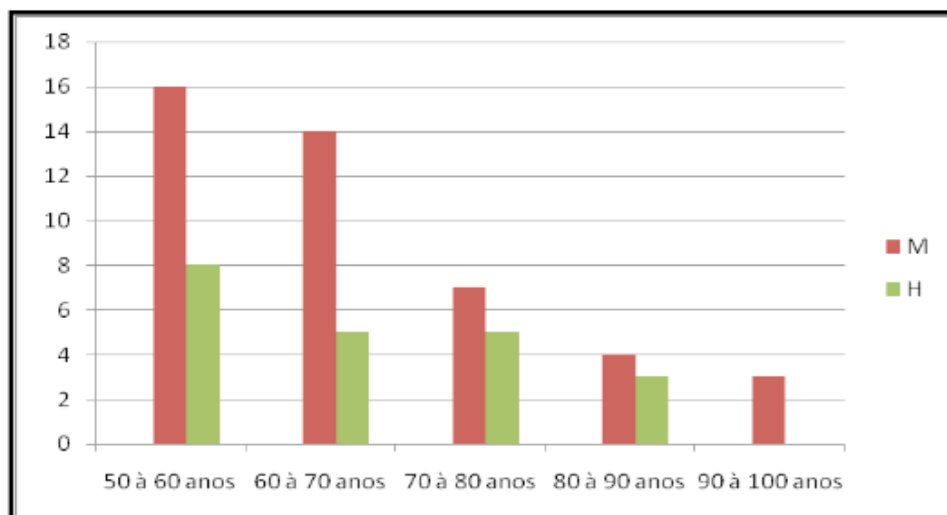


Figura 4: Concentração de moradias em casas por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

De acordo com os dados coletados, mais da metade apresentam rádio, televisão, máquina de lavar, geladeira e telefone celular. A presença destes equipamentos indica

uma inserção dos velhos a uma vida moderna, em que alguns eletrodomésticos podem auxiliar na realização das atividades cotidianas. Entretanto, chama a atenção que produtos que exigem um maior poder de compra não estejam reincidentemente presentes na casa dos entrevistados, o que indica um limite da renda dos velhos da cidade, como por exemplo: microcomputadores, tablets, smartphones, micro-ondas, aspirador do pó, etc.

Apesar de uma clara adaptação ao mundo moderno em suas externalidades, principalmente no uso dos cartões de débito e crédito, além dos caixas eletrônicos dos bancos, percebe-se que equipamentos como microcomputador, telefone fixo e telefone celular não despertam muito o interesse dos mesmos.

Em relação ao grau de escolaridade, a grande maioria dos velhos sabe ler e escrever, mas poucos possuem ensino superior, pois a maioria só cursou até o ensino fundamental. Na troca de informações e nas conversas geradas foi possível perceber que o grau de escolaridade é de pessoas que não obtiveram oportunidade de frequentar a escola por diversos motivos, como trabalhar para ajudar a família, falta de oportunidade, etc. Poucos possuem nível superior justamente por essa dinâmica (figuras 5, 6 e 7).

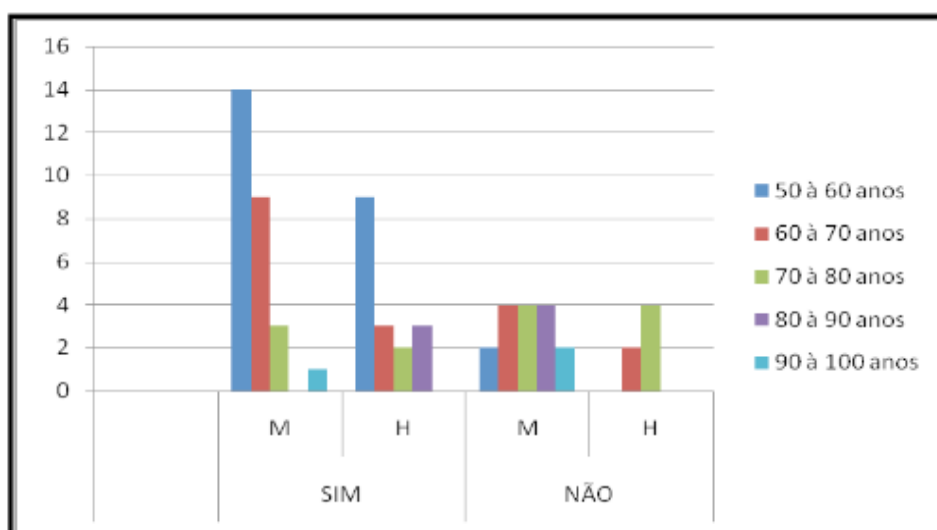


Figura 5: Sujeitos que frequentaram a escola por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

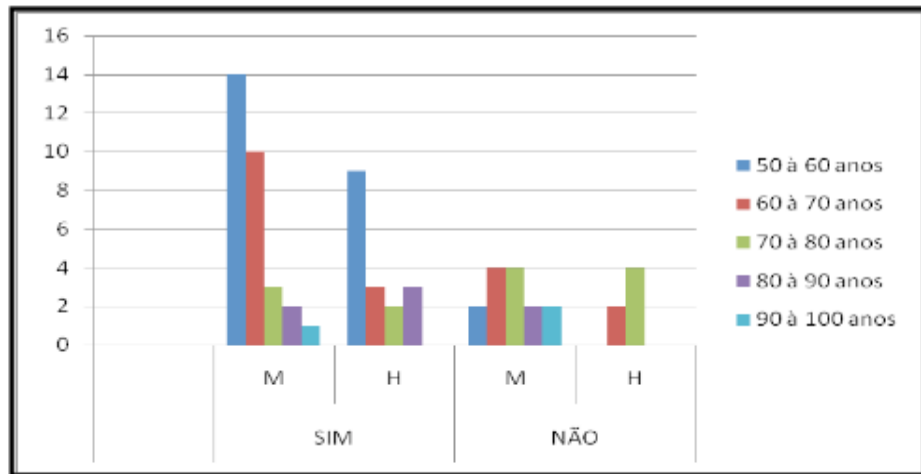


Figura 6: Sujeitos que sabem ler por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

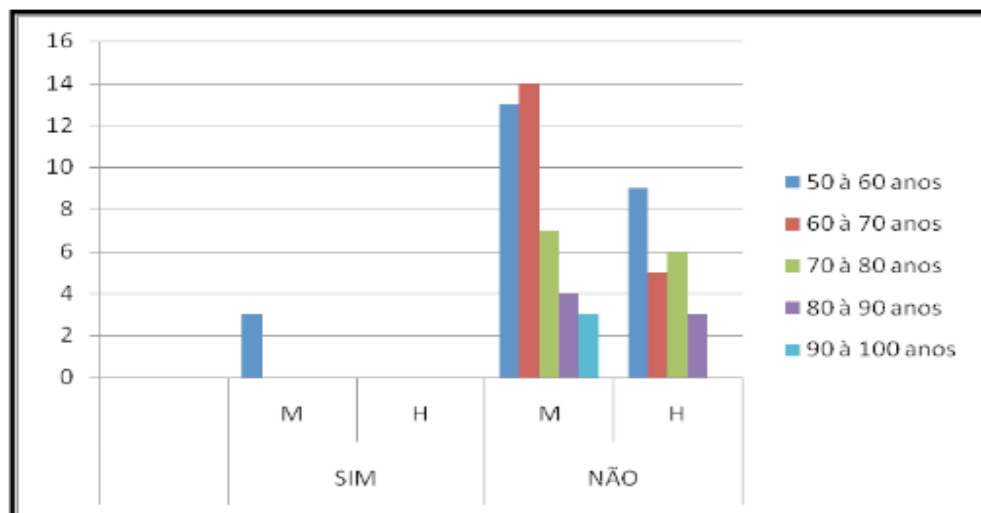


Figura 7: Sujeitos que frequentaram o ensino superior por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

A maioria dos sujeitos pesquisados declarou que exerceram alguma espécie de trabalho remunerado, ganhando em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios, porém sem carteira assinada, e não contribuiu para a previdência oficial. Atualmente grande parte não trabalha mais e vive com uma aposentadoria de um salário mínimo sem auxílio de outros programas do governo (figuras 8, 9, 10 e 11).

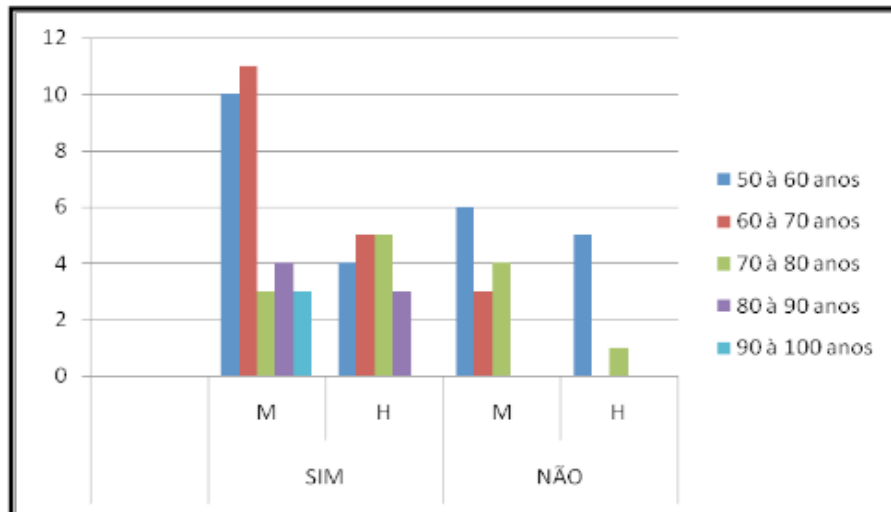


Figura 8: Sujeitos que exerceram atividade laboral ganhando dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

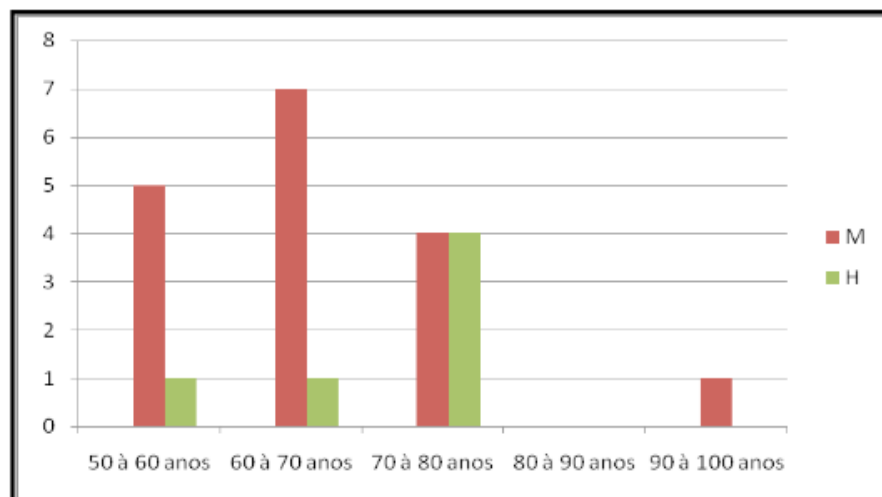


Figura 9: Sujeitos que exerceram atividade laboral sem carteira assinada por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

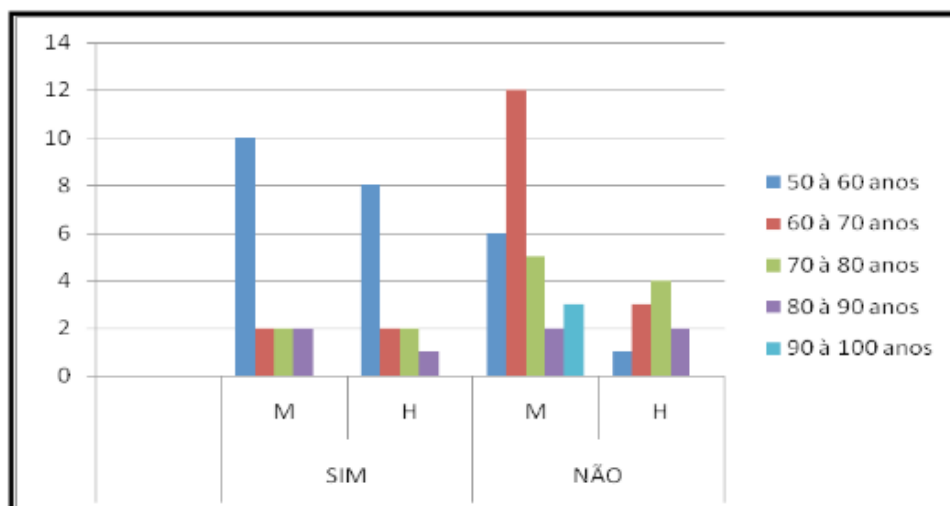


Figura 10: Sujeitos que contribuíram com a previdência oficial por faixa de idade e sexo.

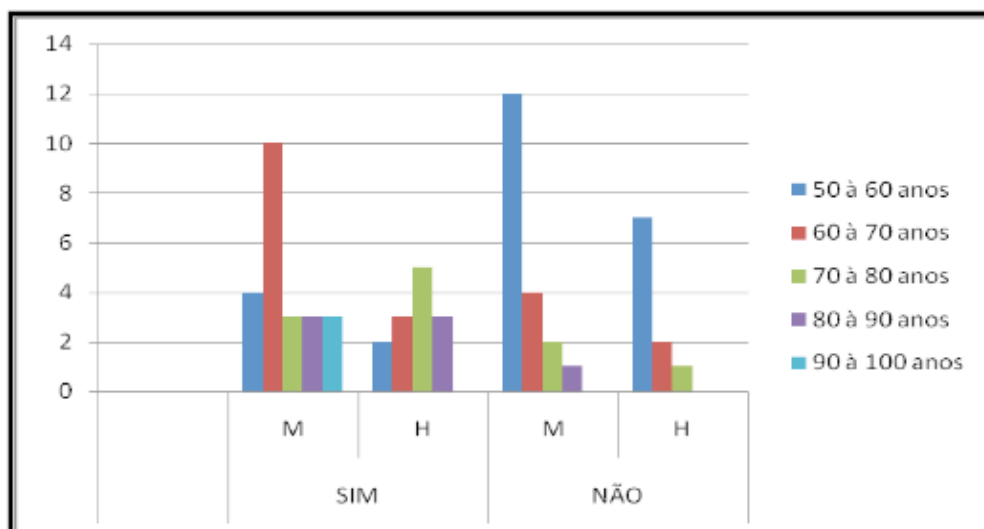


Figura 11: Sujeitos que recebem aposentadoria ou pensão da previdência oficial por faixa de idade e sexo.

Fonte: Acervo do PIBIC, 2017.

Por receberem contribuições mensais, principalmente aquelas derivadas dos sistemas de aposentadoria, muitas famílias apresentam os velhos como chefes de família, responsáveis pelo sustento de mais de um núcleo familiar, sendo a principal fonte de renda para múltiplas gerações de parentes diretamente associados. Configura-se com isso uma relação em que os “mais velhos sustentam a vida dos mais moços”, como já apontados em diversos estudos.

Faz-se fundamental entender os vínculos e as mediações necessárias para revelar o sentido da vida dos velhos a partir do seu contexto, percebendo as variações do processo de reprodução da vida.

O compartilhamento de saberes por meio de histórias de vida ativam projetos e processos que ajudam no entendimento dos quadros do vivido, o vivido como equivalente de prática social, ou seja, aquilo que legitima a ação dos sujeitos, um dos desdobramentos e implicações deste trabalho é a criação de um ambiente de intensa troca e valorização da trajetória dos sujeitos, o que escapa a esfera da atuação da ciência geográfica e dialoga com as condições de reprodução da existência humana, legitimando processos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vislumbra a possibilidade de sustentação financeira, concluiu-se, com base no universo amostral, que os velhos da cidade de Senhor do Bonfim apresentam condições mínimas de sobrevivência, muitas vezes constituindo a única fonte de renda familiar e em alguns casos compartilhando a fonte de renda com mais um membro da família. De uma forma geral, percebeu-se que os sujeitos velhos conseguem ter

atendidas as suas necessidades básicas, sem com isso indicar qualquer excesso na forma de viver. Não obstante, o atendimento as condições básicas de sobrevivência não são suficientes para construir relações de autonomia completa.

Percebeu-se, com base nos encontros, que há ainda uma carga de preconceito muito forte entorno da velhice, através de alguns relatos foram constatados cenários de discriminação, quer seja nas relações com outros sujeitos sociais, quer seja pelo despeito materializado na falta de atenção do poder público e na ineficiência de construções de políticas pública de facultem o direito à participação social.

Conclui-se também que a realização da rotina de pesquisa para a elaboração deste trabalho possibilitou a criação de um ambiente de trocas com os velhos de senhor do Bonfim, legitimando espaços de diálogo através das experiências, trazendo o reconhecimento dos velhos enquanto sujeitos ativos e autônomos das suas trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS

BACELAR, R. Envelhecimento e produtividade: Processos de subjetivação. 2 ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

BEAUVOIR, S. A velhice: o mais completo ensaio sobre a condição do idoso na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FERNÁNDEZ, R.P. El proceso de envejecimiento y la intervencion social. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.

FERREIRA, A. A. A experiencia, a metropole e o velho. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013. Tese deDoutorado.

FREDMANN, A. Coisa de Velho. São Paulo: AnnaBlume, 1996.

GOLDENBERG, M. A bela velhice. São Paulo: Record, 2013.

GONZÁLEZ, D. S. Geografía del envejecimiento y sus implicaciones en Gerontología: contribuciones geográficas a la Gerontología Ambiental y el envejecimiento de la población. Saarbrücken: Editora Académica Española, 2011.

KARPF, A. Como envelhecer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MASCARO, S. A. O que é velhice. São Paulo: Brasiliense, 2004. (coleção primeiro passos; 310).

TEIXEIRA, S.M. Envelhecimento e trabalho do tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Natália Lampert Batista: Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Atualmente é Professora de Geografia (Anos Finais) na Prefeitura Municipal de Santa Maria (PMSM) e Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Geografia - UFSM. Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 8, 20
agroecologia 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 21
Água 6, 118, 125, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

C

Campesinato 8, 16, 20, 21
Capitalismo 8, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 65

D

desenvolvimento sustentável 1
Dinâmica Socioeconômica 201

E

Educação 5, 7, 84, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 153, 155, 162, 163, 165, 176, 178, 188, 189, 193, 194, 197, 199, 200, 215
Emancipação 194, 200
Envelhecimento Humano 201
Estado 17, 27, 30, 41, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 104, 106, 107, 109, 110, 113, 119, 127, 128, 130, 145, 146, 169, 197, 198, 199, 202

F

Fragilidade Ambiental 114, 115, 116, 119, 121, 126, 127, 128

G

Geografia 2, 5, 6, 7, 1, 19, 20, 25, 40, 41, 52, 54, 55, 63, 64, 73, 74, 78, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 111, 114, 129, 130, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 201, 205, 207, 214, 215, 216, 217, 218
Geopolítica 145, 150, 151, 152, 164
Georreferenciamento 22
gestão urbana 74, 75

H

Haiti 54, 57, 58, 60, 68

L

Legislação Ambiental 78, 82

lugar 6, 3, 11, 13, 71, 76, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 137, 154, 155, 158, 159, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 189, 199, 205, 206, 207, 208

M

Migração 54, 63, 64

N

Neoliberalismo 5, 65, 72

P

planejamento urbano e regional 6, 74, 76

possibilidades 71, 74, 93, 95, 149, 197

Q

Questão agrária 8

R

Raciocínio Geográfico 164

Reforma Trabalhista 5, 65, 66, 67, 68, 69

Relação Produção-Consumo 22

Relação Rural-Urbano 22

Rio Dourados 6, 114, 115, 126, 127

S

Semiárido 144

T

Território 52, 78, 80, 88

Trabalhadores Rurais 19, 194

Trabalho 7, 54, 55, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 69, 101, 194, 199, 200

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-489-4

